

A sepultura megalítica do Cabeço d'Ante

Vilas Ruivas, Vila Velha de Ródão



O Cabeço d'Ante, Cabeço da Anta ou Cabeço do Trovisco, como é designado no cadastro rústico, com altitude máxima de 230m, é um relevo ligeiramente alongado na direcção este-oeste situado cerca de 1km a noroeste da aldeia de Vilas Ruivas (figura 1) e no sopé ocidental da serra das Talhadas, aqui designada serra da Vila, relevo quartzítico atravessado pelo rio Tejo nas icónicas Portas de Ródão que ficam apenas 3km a sudeste deste sítio.

No início dos anos 70 do séc. XX, no topo deste cabeço, o arqueólogo Francisco Henriques descobre uma construção megalítica destinada a sepultar os membros das primeiras comunidades agro-pastoris, pré-históricas, que ocuparam extensivamente o *território de Fratel* e que foram responsáveis por boa parte das gravuras rupestres descobertas nas margens do rio Tejo, especialmente no trecho situado entre os actuais concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa. Corresponde cronologicamente ao final do Neolítico, entre a segunda metade do 4º milénio AC e o início do seguinte.



Figura 1. Vilas Ruivas (fotografia de Mário Monteiro)

De acordo com estudo recente (Caninas, Henriques & Osório, no prelo), aplicado ao *território de Fratel* - espaço confinado entre o rio Tejo, o rio Ocreza e a serra das Talhadas - esta sepultura, juntamente com uma outra descoberta nas proximidades (Antinha, Lagar Novo), infelizmente muito danificada por plantação de eucalipto, estariam associadas a um *habitat* pré-histórico que se admite ter existido na actual

implantação de Vilas Ruivas e que seria baseado em cabanas dispersas construídas em materiais perecíveis.

A anta do Cabeço d'Ante (com o código nacional de sítio nº 2330 na base de dados Endovélico da Direção Geral do Património Cultural - DGPC), antes da intervenção arqueológica a que foi sujeita entre 2014 e 2016, ainda conservava boa parte da estrutura de pedras postas a pino definindo uma câmara poligonal, onde faltava um esteio no lado norte, ligada a um corredor estreito e baixo virado a nascente, mas reduzido a duas lajes alinhadas no lado sul do mesmo (figuras 2 e 3).



Figura 2. Em 2005 (fotografia de João Caninas)



Figura 3. No início da escavação (fotografia de Francisco Henriques)

A calote de pedras e terra, de contorno circular, que na origem envolvia e cobria integralmente a câmara funerária e o corredor, estava profundamente reduzida devido a factores erosivos naturais e ao efeito degradativo das lavouras. No norte de Portugal esta estrutura monticular é designada como *mamo*a ou *mota* na linguagem popular e corresponde ao termo latino *tumulus*, utilizado na bibliografia técnica. O facto da estrutura de pedras postas a pino se situar encostada a um

caminho rural que também marcava o limite entre duas propriedades constituía factor de risco para a conservação deste monumento.

Foi considerado prioritário pela AEAT e pela Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão promover o estudo e a reconstrução parcial deste monumento, exemplificativo das mais antigas arquitecturas conservadas neste território, ponderada também a sua fácil acessibilidade e a possibilidade da sua integração no percurso pedestre PR2 denominado “Caminho das Virtudes”.

Em termos de investigação arqueológica esta intervenção foi integrada no projecto de investigação plurianual MESOPOTAMOS - “Povoamento do 5º ao 1º milénio AC entre o Tejo e o Zêzere na actual Beira Baixa” licenciado pela DGPC.

A intervenção arqueológica foi precedida pelo desvio do caminho rural cujo novo traçado, executado com meios municipais, passou a contornar a sul o que poderia ter sido o limite da mamoa. Este desvio foi autorizado pelo proprietário da parcela de terreno situada no lado sul do monumento, tendo passado para o interior daquela propriedade.

A escavação arqueológica incidiu no interior do circuito de pedras postas a pino (esteios) que delimitam o espaço funerário, e na sua envolvente. Os trabalhos permitiram recuperar o traçado completo da estrutura pétrea tendo-se verificado que o corredor era mais extenso (figura 4).



Figura 4. No final da escavação (fotografia de Mário Monteiro)

De facto além dos dois esteios sobreviventes na posição original foram identificadas cavidades abertas na rocha onde estiveram originalmente fundados cinco esteios, alinhados, no lado norte, todos desaparecidos, e outros tanto no lado sul, de que restam os dois já citados. Além destes dois alinhamentos o corredor pode ter estado prolongado por outras lajes, de menores dimensões, colocadas sobre o solo, sem recurso a caboucos, e definindo um espaço ritual aberto,

denominado átrio, de que não se conservaram vestígios devido aos revolvimentos provocados pela lavoura. Deste modo, admite-se que a calote de terra e pedras (mamo) que envolvia as deposições funerárias possa ter tido pelo menos 14m de diâmetro, considerando a distância entre o centro da câmara e o limite do corredor, mas pode ter sido maior.

Além dos aspectos arquitectónicos acresce referir que de acordo com o estudo preliminar feito pelo geólogo Carlos Neto de Carvalho os calhaus e blocos utilizados na construção deste monumento, e em particular da sua mamo, atentas as suas características litológicas, de dimensão e rolamento, podem ter tido diversos pontos de origem desde as imediações até cerca de 3km de distância no terraço fluvial dos Violeiros, sobranceiro à Fonte das Virtudes.

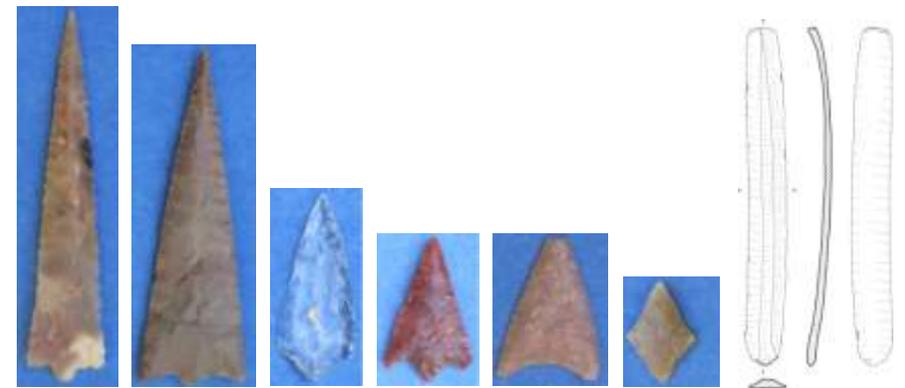


Figura 5. Alguns exemplares de pontas de seta e uma lâmina (fotografias de Mário Monteiro e desenho de André Pereira)

A intervenção arqueológica proporcionou também a recolha de um conjunto de artefactos rituais numeroso e diversificado, o qual será exposto na Exposição Permanente de Arqueologia existente no CIART (Vila Velha de Ródão) logo que o seu estudo esteja concluído. Neste acervo predominam os instrumentos em pedra (figura 5 e 6), em materiais siliciosos, com destaque para as pontas de seta (c. 50), as lamelas, lâminas e geométricos (c. 30) e em menor quantidade, c. 20 unidades, a pedra afeiçoada (elementos de moagem), a pedra polida (machados e enxós) e os percutores.

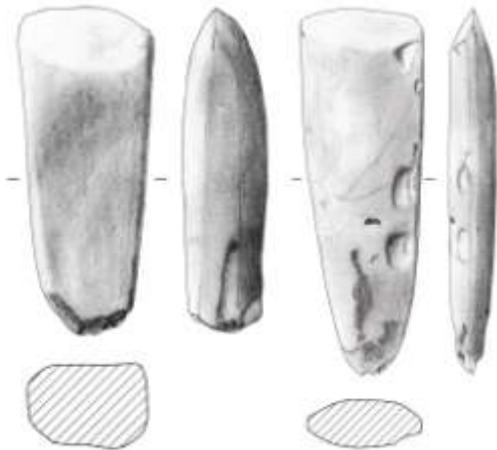


Figura 6. Um machado e uma enxó (desenhos de André Pereira)

Merecem também destaque os adornos ou elementos de colares (figura 7) com c. 20 unidades entre contas verdes, contas de xisto e pendentess e os artefactos simbólicos representados pelas placas rectangulares de xisto ardosiano, gravadas, ou de arenito, num total de quatro exemplares reduzidos a fragmentos.

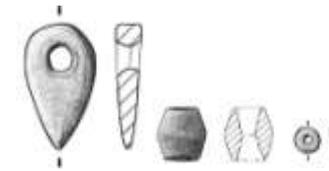


Figura 7. Três elementos de um colar (pendente, conta verde bitroncocónica e conta discóide em xisto) (desenhos de André Pereira)

Muito incompletos foram recolhidos fragmentos de recipientes cerâmicos (figura 8). Mas atendendo à acidez média destes solos deu-se o achado extraordinário de restos humanos do que poderá ter sido na opinião do antropólogo Francisco Curate o ossário de uma jovem mulher, representando talvez o último sepultamento na câmara durante a Pré-História. O excepcional acervo de pontas de seta foi já objecto de estudo por Catarina Anacleto (2017) no âmbito de relatório de estágio de Mestrado de Arqueologia (FSCH-UNL).

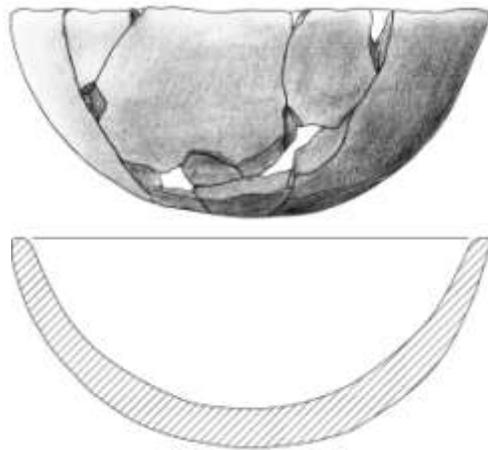


Figura 8. Pequeno recipiente cerâmico (taça) em forma de calote (desenhos de André Pereira)

Os trabalhos terminaram com a reconstrução parcial deste monumento (figura 9) que consistiu na colocação de próteses em granito dos esteios ausentes, nas posições que puderam ser determinadas no decurso da escavação com a identificação dos respectivos alvéolos, e da colocação de uma calote de terra e pedras, a circundar a estrutura de pedras postas a pino que definem a câmara funerária e o corredor, até uma altura correspondente ao topo dos esteios mais baixos. A reconstrução foi qualificada de parcial uma vez que para ser considerada completa obrigaria à

colocação de uma cobertura na câmara e no corredor seguida do total ocultamento daquele espaço sob uma calote de terra mais elevada.

Os trabalhos arqueológicos autorizados pela DGPC foram dirigidos por João Caninas e contaram com a participação de Francisco Henriques, Mário Monteiro, Emanuel Carvalho, Cátia Mendes e Catarina Anacleto, equipa formada na Associação de Estudos do Alto Tejo. O estudo dos restos ósseos humanos foi da responsabilidade do antropólogo Francisco Curate e o estudo geológico da proveniência dos materiais utilizados na construção deste monumento ficou a cargo do geólogo Carlos Neto de Carvalho, do Geopark Naturtejo. Os desenhos de peças são de André Pereira.

A intervenção arqueológica e a reconstrução do monumento contaram com os apoios financeiros e com os meios técnicos e humanos proporcionados pela CELTEJO – Empresa de Celulose do Tejo, pela Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão e por EMERITA - Empresa Portuguesa de Arqueologia.

A terminar, é devido um agradecimento aos proprietários das parcelas de terreno onde o monumento se situa, nomeadamente a José Pires Carmona e familiares, a João Albino António e a Maria Manuela Pires Lourenço, e aos funcionários da Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão, Eng.º José Barata, Paulo Cardoso, Joaquim Maria, Eduardo Nunes e João Nunes, que trabalharam com afinco na reconstrução deste monumento.



Figura 9. Estado actual após reconstrução (fotografia de Francisco Henriques)

João Carlos Caninas
Responsável pela escavação arqueológica